

A FORÇA DO MITO QUE PERCORRE TERRAS E TEMPOS

Suzana Rodrigues Pavão*

INTRODUÇÃO

Não é necessário falar-se em mentalidade primitiva para se acreditar que o homem, mesmo o de nível cultural elevado tem sua vida marcada pelo misticismo. Misticismo, cuja intensidade varia conforme o grau de cultura, a capacidade, maior ou menor, de compreender e explicar os fenômenos que a natureza oferece. Misticismo que pode ser reduzido ou acentuado, de acordo com as influências educacionais, econômicas, sócio-políticas ou mesmo de natureza animal ou vegetal, climáticas e telúricas. Influências que, no caso brasileiro, do sertão nordestino, castigado pelo contraste impiedoso das secas e das chuvas copiosas, com suas conseqüências inevitáveis de destruição e de êxodo, fatores de desequilíbrio ecológico, têm agido de modo favorável. Todos os fatores ligados à natureza têm sido também aproveitados pelas elites que se perpetuam no poder, sustentadas e ao mesmo tempo mantendo o estado de penúria da região. Não podemos afirmar que somente causas externas desenvolvam a tendência mística. A percepção mística está presente na mentalidade primitiva, mas não se encontra ausente na psicologia do homem intelectualmente preparado e pertencente a uma civilização considerada superior e várias vezes explode em momentos específicos da existência desse homem.

O espírito humano vive em permanente inquietação. Nunca está satisfeito ou conformado. Embora aparentemente tranqüilo, está sempre a agitar-se, numa insaciedade que não pára. Preocupações e problemas o atorream e o levam a permanente intranqüilidade. Problemas de várias ordens, como saúde, econômicos, o sentimento de justiça, a busca de uma sociedade mais justa, questões familiares, profissionais e mesmo sentimentais. Na religião que professa, busca o homem a satisfação de desejos e ambições. A solução de problemas e o desaparecimento de preocupações. Nem sempre é bem sucedido e a situação o leva a buscar uma solução mágica e o desespero propicia a receptividade dos poderes sobrenaturais abrindo as portas para o misticismo desenfreado.

Nos centros urbanos mais adiantados culturalmente, ou no caso brasileiro, no Nordeste, nas regiões sertanejas, as condições de desajustamento econômico e social, agravadas pelas dificuldades do sistema educacional, deixam as populações em permanente disposição de receptividade mística.

Procuraremos estudar, na presente comunicação, a presença mística em comunidades distintas, mas ao mesmo tempo necessitadas de grandes mudanças. De um lado o fascínio do mistério e a busca de milagres que envolvem de promessas a alma popular do Nordeste, sempre carente e explorada em todas as formas e de outra o Portugal salazarista combatido por Manuel Alegre em sua Jornada pelas lutas anticolonialistas de Angola. Veremos que o mesmo mito messiânico será utilizado em situações e formas diferentes.

No sertão nordestino, a busca de profetas, beatos milagreiros para trazer a transformação das condições miseráveis em que vive o povo. Espera-se Sebastião, anunciado por Antônio Conselheiro.

Nas lutas do alferes Sebastião, em Angola, a espera de uma transformação que virá do rompimento com o messianismo sebástico e da tradição que aprisiona. Elabora um romance cuja intertextualidade já é encontrada no título ao utilizar-se do primeiro relato feito em língua portuguesa, sobre a batalha de Alcácer Quibir, que foi *Jornada de África* de Hierónimo de Mendoga, de 1607.

Seguiremos as palavras de Maria Isaura Pereira de Queirós que nos diz que na verdade a todos esses impulsos de misticismo religioso associam-se aspectos reivindicatórios sócio-políticos.

Os líderes de todos os movimentos sempre pregam reformas sociais e políticas. Os poetas de *Cordel* e os seguidores de Conselheiro pregavam uma reforma, já Manuel Alegre retoma o mito messiânico, de forma consciente,

* Universidade de São Paulo.

pois sabe o quanto a força tradicional está presente no imaginário de seu povo e o quanto este imaginário precisa ser transformado para dessa forma se conseguir a almejada transformação política e social.

1-FUNDAMENTOS DO SEBASTIANISMO: RAÍZES MESSIÂNICAS E ORIGENS PORTUGUESAS

Em sua significação literal, SEBASTIANISMO é a crença na volta de D. Sebastião, rei de Portugal, que desaparecera na batalha de Alcácer-Quibir, na África, no dia 4 de agosto de 1578, quando comandava as tropas portuguesas. D. Sebastião levou Portugal a uma guerra suicida e trouxe a perda de autonomia política para o reino português. Como ninguém o vira tombar ou morrer, e jamais foi dada uma sepultura a seu corpo, criou-se a lenda, depois transformada em seita, de que el-rei voltaria. E voltaria para trazer felicidade e riqueza para seu povo e restaurar-lhe as glórias tradicionais. A crença sebastianista em sua forma primitiva e, particularmente, nos aspectos que foi assumindo, no tempo e no espaço, tem suas raízes na concepção religiosa do messianismo. Concepção que admite a vinda de um redentor, capaz de mudar a ordem das coisas e instalar um regime de paz, justiça e felicidade. O messianismo não falta nas religiões, embora com nomes particulares. O estudo comparado das religiões indica que não é necessário invocar a explicação difusionista para compreender sua disseminação. Na humanidade existe permanente anseio universal de perfeição e de liberdade. Esperança obstinada no advento de um mundo melhor. Daí a indução à crença na vinda de um redentor, de um deus ou de um herói salvador.

O que caracteriza especialmente o messianismo é o sentido de força viva e atuante. É a vivência prática. Não é como certas doutrinas religiosas, pura especulação teórica. A rigor, não se preocupa com as coisas finais, tais como a morte, os problemas de além-túmulo e o fim do mundo. Evidencia-se o messianismo no vigor religioso com que os grupos oprimidos, infelizes ou os indivíduos, que se julgam vítimas de imperfeição de seus semelhantes ou da consciência de sua própria incapacidade, crêem que alguma coisa poderá acabar com os sofrimentos e que o mundo poderá viver sob a inspiração da justiça e da felicidade.

A doutrina messiânica parece basear-se na insatisfação permanente contra um atual estado de coisas, no sentimento de desprezo e revolta contra tudo que parece insuportável. O sentido universalista transformou a doutrina messiânica numa espécie de filosofia social ou de doutrina do bem estar e da felicidade sociais. Assumiu desta maneira, forma política.

O jovem rei morto em batalha e insepulto tinha tudo para se transformar em um elemento mítico. Não houve um corpo a ser sepultado, lágrimas não puderam ser derramadas e o sofrimento não pôde passar por uma catarse. O povo que já vivia um período decadente espera que a juventude do rei volte para redimi-lo.

Em nome deste sonho messiânico, os desprezados e deserdados levantarão suas bandeiras e combaterão por nova ordem social. Paz e unidade, igualdade e fraternidade serão as palavras de ordem de todas as utopias e de todas as revoluções.

2- CANUDOS, ALCÁCER SERTANEJO. SEBASTIÃO É ANTÔNIO CONSELHEIRO

O episódio de Canudos, que Euclides da Cunha pintou com cores vivas e reais em *Os Sertões*, é bem a síntese da mentalidade de um povo, de uma região e de uma época. E ao levar-se em consideração estes três elementos que o fanatismo religioso de Canudos deve ser apreciado.

Antônio Conselheiro julgava-se enviado de Deus, portador de mensagens sagradas. Vestia-se à maneira dos monges e levava vida de asceta. Pregava para as sofridas multidões e conseguiu uma legião de seguidores. Quando Antônio Conselheiro é preso e enviado ao Ceará como criminoso, a multidão que o acompanhava quis resistir. À imitação de Cristo, Conselheiro pede aos seus discípulos que se conservem tranquilos, pois ele voltaria. O sentido sebastiânico de suas palavras é evidente. Tudo suportou com serenidade.

Considerado inocente, Antônio Conselheiro retorna, por coincidência, no dia em que havia prometido para seu reaparecimento. Deste modo ganhava foros de verdade o sebastianismo, da multidão fanatizada. Realizava-se a predição.

Antônio Conselheiro passou a personificar a monarquia, para um povo sem a mínima noção do que representava a república ou mesmo uma monarquia enquanto sistemas de governo. Conselheiro, a personificação de um rei, passou a personificar a monarquia. Para o povo seria a veneração de um santo vivo que combatia os impostos que o novo governo os obrigava sem mesmo pensar que tirava de quem nada tinha.

A revolta que a princípio fora contra o poder civil, agora era o desentendimento com as autoridades eclesiásticas que reconheceram o governo republicano.

Canudos viveu sua época de explosão sebastianista. Antônio Vicente Mendes Maciel, (filho de tradicional e corajosa família cearense, renega os bens que possuía para sair em sua pregação) que se denominou Bom Jesus Conselheiro, acreditava piamente na volta de D. Sebastião. Todos os males contra os quais lutava seriam eliminados com a vinda de D. Sebastião.

Euclides da Cunha chamava a atenção para o sebastianismo, que vivia naquele pedaço distante do Brasil. Assim escreveu em *Os Sertões*¹:

*"Nem lhe faltou para completar o símile, o misticismo político do sebastianismo".
Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador, nos sertões do norte."*

O historiador de Canudos se documentou nos papéis colhidos entre os sertanejos que acompanhavam Conselheiro e também nas profecias contidas nos versos populares. O sebastianismo de Canudos era diferente do que vigorara entre os portugueses. Não tinha as características do desaparecido em Alcácer, talvez até por falta de informações precisas. Como afirmam historiadores do período, o sebastianismo baiano resultante de vários fatores históricos e sociais perdeu o sentido de redenção nacional que caracterizava o messianismo dominante em Portugal, ao desejar a volta à glória de seu império e antes de tudo a autonomia perdida.

Em Canudos era outro seu conteúdo político: o restabelecimento do regime monárquico era um deles e evidentemente os seguidores de Conselheiro não buscavam uma ideologia monárquica de forma consciente, pois distantes de tudo, de todos os focos de decisão, distantes até de condições decentes de sobrevivência seguiam as palavras do beato, que eram também confusas em termos ideológicos racionais.

Queriam também a extinção da lei de obrigatoriedade do casamento civil, ou **lei do cão**, como era conhecida. Luta sem sentido e envolvida em fanatismos religiosos. Aquele povo buscava era um mundo para ele, mundo onde não houvesse explorações, impostos injustos e fome constante. Mas, em sua ignorância culpavam regimes e leis que desconheciam.

Em versos populares, num ABC trovadoresco, cantavam o vaticínio:²

*Sebastião já chegou
com tamanho regimento
acabando com o civil
e fazendo o casamento.*

*Visita vem fazer
Rei D. Sebastião
Coitadinho daquele pobre
que estiver na lei do cão.*

No ABC, que deve ter sido escrito antes da guerra, há outra trova alusiva a D. Sebastião.

*Ou que reis de formosura
Como é Sebastião
Foi chamado pelo mundo
Da portuguesa nação.*

E, se mais pesquisarmos serão muitas as trovas que se referem a D. Sebastião. Os versos que se seguem, atribuídos a Jota Sara³, eram reunidos em libreto e vendidos nas feiras, tendo sido coletados por José Calazans na obra citada.

¹ CUNHA, Euclides; *Os Sertões*. 8ª. Ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1925; pág. 143.

² In *Os Sertões*, pág. 213.

³ SARA, Jota - *História de Antônio Conselheiro*. In CALAZANS, José - *No Tempo de Antônio Conselheiro*. Salvador, Progresso, 1959.

*Construiu em Monte Santo
O caminho da Santa Cruz
O povo dizia na reza:
"Do céu baixou uma luz".
Quem não fizer o bem
D. Sebastião já vem
Mandado do Bom Jesus."*

A presença de D. Sebastião não é de estranhar no povoado baiano de Canudos. Tradição sebastianista já existia no sertão nordestino, desde o primeiro quartel do século passado. O sebastianismo de Canudos, embora se revestisse de novo aspecto - o desejo de volta da monarquia, cuja queda os sertanejos interpretavam como arte do demônio - tinha suas origens em episódios anteriores.

Quando Antônio Conselheiro vaticinava o reaparecimento de D. Sebastião não estava pregando coisa nova. Os sertanejos nordestinos, no decorrer do século anterior, aguardavam confiantemente à volta do rei sacrificado na batalha de Alcácer-Quibir. Episódio histórico que chegou até eles através da tradição oral que narrava atos de bravura e feitos de bondade atribuída ao jovem rei.

A república para aquele esquecido povo representava a descrença, a ausência de Deus, de onde eles poderiam um dia obter a redenção e que agora lhes era afastada. D. Sebastião voltando, acabaria com a impiedade e restauraria a lei de Deus.

O que quero demonstrar, na existência desta crença em localidade tão distante e tão fora das origens reais do mito é a necessidade de se apoiar numa crença para se atingir os aspectos reivindicatórios. O fato histórico distante no tempo e também no espaço vem fortalecer os desejos de mudança e também dão ao líder a credibilidade de que tanto necessita.

3- SEBASTIÃO, O ALFERES E ANGOLA SUA ALCÁCER

Sebastião, o alferes, de *Jornada de África* de Manuel Alegre, cresceu à sombra das glórias dos antepassados que fizeram de seu país um império e ao reviver o mítico rei, ao ser seu homônimo, procurará romper definitivamente com o messianismo retrógrado que caracterizou o conservadorismo português por tantos séculos. O primeiro romance de Manuel Alegre é uma antiepopéia, a história de um retorno, depois de derrotadas batalhas e perdas significativas. É a epopéia do retorno dos heróis que já não são vistos e nem, ao menos se sentem assim. É a consciência das fraquezas da pátria que deve se reconstruir em seu próprio território, distante das colônias que mantiveram a ilusão da grandeza e de certa forma também ajudaram a sustentar a ditadura salazarista.

Sebastião e seus companheiros não aceitam as guerras coloniais e têm a certeza de que só derrocada definitiva do salazarismo e de seus braços violentos representados por sua polícia política, a PIDE, (que agia tanto na metrópole como nas colônias) poderão trazer Portugal para a liberdade e para a consciência de si próprio. Um país que vive "o medo de não agüentar, o medo de..."

Violência invisível onipresente, um fantasma pairava sobre cada instante, a medo se desvivia..."

A grande utopia de Sebastião e seus companheiros de Angola, (a nova Alcácer) é a transformação do Estado. A união da nação portuguesa em torno do combate à ditadura de Salazar e do domínio de inverdades em que vivem já há séculos. É a reconstrução da comunidade imaginada que construiu Portugal. Em um poema de sua autoria, Manuel Alegre nos diz:

*Alcácer Quibir és tu - Lisboa ajoelhada⁶
Nas armas que em teus braços vão partir.
Lisboa - Alcácer Quibir*

.....
*Alcácer Quibir és tu Lisboa
E há uma rosa de sangue no branco areal
Há um tempo parado no tempo que voa
Porque um fantasma é rei de Portugal*

⁶ ALEGRE, Manuel; *O Canto e as Armas*. 1989; Lisboa; D. Quixote ALEGRE, Manuel; *Jornada de África*. 1989; Lisboa; D. Quixote, p. 43.

Para Sebastião, vestir a mais amarela de todas as fardas, embarcar em um vôo, no fatídico mês de junho, (...) *Junho é o mês do embarque.*⁷

Cumprir-se-á seu *Kairos* e já com o avião nas alturas ainda pode ver o Tejo, a Torre de Belém e mais um velho meneando três vezes a cabeça descontente...

Pede uma bebida, chama-se Bárbara, a hospedeira da TAP – Bárbara, a estrangeira.

Vai assim a afastar-se de sua terra, de suas raízes, do pai que em dias envelheceu anos. Agora, é o bafo quente e úmido da África que o fará pensar.

E Angola será seu lugar de exílio. Meditará sobre a vida, as lutas e até sobre a dura carga que carrega em seu nome. Tem a impressão de não reconhecer seu próprio nome.

Sebastião se diz um sebastianista ao avesso. Se a glória portuguesa se deu da península ibérica para a busca das colônias, o novo Sebastião deverá marcar a viagem de volta. Assim poderá fazer cumprir a profecia e poderá construir um Portugal livre das repressões e mentiras, um Portugal que será a morada da justiça e liberdade.

Também com palavras se pode criar o irremediável, e aqui a literatura ajuda a desenvolvê-lo. Sebastião se vê numa repetição da história. Causa-lhe estranheza se sentir entre aqueles combatentes que também têm em seus nomes o novo Alcácer. É o presente que se faz passado, a força de equilíbrio da natureza, o infinito ou o eterno retorno.

Mais uma vez o mito renasce da necessidade de transformação e Sebastião luta na sangrenta e desigual batalha contra os guerrilheiros de Angola, a nova Alcácer, a batalha do tempo presente, proporcionará a repetição da história. Alcácer Quibir se repete e o novo Sebastião de Angola também desaparecerá nas brumas. Será o retorno, a reconstrução de um Portugal libertado de suas crenças. É o 25 de Abril, a vitória, a esperança.

Assim é a revolução. Assim são as utopias. Sempre algo mais a fazer, a se construir.

Se para o novo Sebastião de Portugal a luta é a possibilidade de transformação, para o Sebastião sertanejo, Antonio Conselheiro, a morte foi o fim de uma utopia, o fim das crenças de um povo sofrido que esperava do divino a solução para suas dores e sofrimentos.

BIBLIOGRAFIA

ALEGRE, Manuel. *Jornada de África*; Lisboa; 1989; D. Quixote.

ALEGRE, Manuel. *O Canto e as Armas*; Lisboa; 1989; D. Quixote.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*; Rio de Janeiro; 8ª. Ed.; 1925; Ed. Francisco Alves.

CALAZANS, José. *No tempo de Antonio Conselheiro*. 1959; Salvador; Ed. Progresso.

MENDOÇA, Hierónimo. *Jornada de África*, (obra de 1607, edição copiada fielmente por Bento Joze de Souza Farinha, com licença da Real Meza Cenforia, Lisboa: 1785.)

⁷ ALEGRE, Manuel; *Jornada de África*. 1989; Lisboa; D. Quixote, p. 43.

